

AUTOBIOGRAFIA DOCENTE

Expressa o escrito da própria vida, caracterizando-se como oposta à biografia, porque o sujeito desloca-se numa análise entre o papel vivido de ator e autor de suas próprias experiências sem que haja uma mediação externa de outros. No contexto da formação inicial ou continuada de professores, corresponde ao trabalho de reflexividade biográfica (DELORY-MOMBERGER, 2008) dos sujeitos em formação, através da análise dos percursos e trajetórias de vida do adulto em desenvolvimento, aprendizagem e formação. A autobiografia vincula-se aos aspectos teórico-metodológicos das pesquisas em Ciências Humanas e tem sido fortemente utilizada como prática de formação, com ênfase na escrita narrativa dos processos de formação no domínio da pesquisa autobiográfica, no campo educacional. A pesquisa autobiográfica adota e comporta uma variedade de fontes e procedimentos de recolha, podendo ser agrupadas em duas dimensões, ou seja, os diversos *documentos pessoais* (autobiografias, biografias, narrativas de formação, diários, cartas, memoriais, portfólios, fotografias e objetos pessoais) e as *entrevistas biográficas*, que podem ser orais ou escritas e objetivam compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstituir processos históricos e socioculturais vividos pelos sujeitos. A classificação construída por Pineau (1999) e a sistematização realizada por Souza (2006), no que se refere à diferenciação terminológica e às possibilidades de trabalhos com as autobiografias e biografias educativas como investigação-formação, marcam análises de diferentes trabalhos desenvolvidos desde o final dos anos 1980 com a pesquisa autobiográfica e suas relações com a aprendizagem profissional e as práticas de formação. A diversificação conceitual e terminológica permite-me tomar os “modelos” apresentados por Pineau e Le Grand (1993), no sentido de apreender o papel que pode ocupar os atores e os pesquisadores num projeto de investigação/formação. Dessa forma, apresentam os seguintes modelos: “[...] o modelo biográfico, o modelo autobiográfico e o modelo interativo ou dialógico [...]” (1993, p. 99/102). Em relação ao *modelo biográfico*, afirmam os autores que existe um distanciamento entre o sujeito e o pesquisador, tendo em vista construir um saber objetivo e disciplinar exercido pelo pesquisador. No que concerne ao *modelo autobiográfico*, existe uma eliminação do pesquisador, porque a expressão de sentido e a construção da experiência centram-se na singularidade e subjetividade do sujeito. Por fim, o *modelo interativo ou dialógico* adota uma nova relação de

SOUZA, E.C. Autobiografia docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

lugar entre o pesquisador e os atores sociais, tendo em vista uma coconstrução de sentido, porque não é redutível à consciência que tem dela o sujeito e também à análise construída pelo pesquisador. A dimensão interativa e dialógica, muito fortemente utilizada na abordagem biográfica, possibilita apreender as memórias e histórias de formação no sentido da investigação/formação tanto para o pesquisador, quanto para os sujeitos envolvidos e implicados com o projeto de formação. De fato, as autobiografias e biografias são bastante utilizadas em pesquisas na área educacional, seja como narrativa de formação ou como fontes históricas, devendo cada texto escrito ser utilizado como objeto de análise considerando, sobretudo, o contexto de sua produção, sua forma textual e o seu conteúdo em relação ao projeto de pesquisa a que esteja vinculado. Ainda assim, as autobiografias partem do princípio de que a educação caracteriza-se como uma narratividade intersubjetiva, recolocando a subjetividade como categoria heurística e fenomenológica de tal abordagem. A revalorização das autobiografias instaura-se no campo da história social, especificamente com a *viragem* e contribuições teórico-epistemológicas da história cultural e seu interesse pelo cotidiano, o pessoal, o privado, o familiar e suas representações e apropriações, seja na história da educação, na didática, na formação de professores ou em outros campos educacionais, a partir do estudo da história do currículo, das reformas educativas, das práticas e culturas escolares, da feminização da profissão, do processo de profissionalização e das práticas docentes.

A autobiografia como prática de formação centrada na escrita da narrativa potencializa no sujeito o contato com sua singularidade e o mergulho na interioridade do conhecimento de si ao configurar-se como atividade formadora, porque o remete para uma posição de aprendiz e questiona suas identidades a partir de diferentes modalidades de registro que realiza sobre suas aprendizagens experienciais. O sentido e a pertinência do trabalho centrado na autobiografia e de seu enquadramento como uma prática de investigação-formação justifica-se porque não cabe uma teorização *a posteriori* sobre a prática, mas sim uma constante vinculação dialética entre as dimensões prática e teórica da vida e do trabalho docente, as quais são expressas através da meta-reflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos das experiências construídos pelos sujeitos. No que se refere à escrita da narrativa autobiográfica, Josso (2002) afirma que a construção da narrativa de si funciona como uma “atividade psicossomática” em diferentes níveis. Primeiro, no plano da “interioridade”; segundo, na

perspectiva das “competências verbais e intelectuais”, as quais envolvem “competências relacionais”, porque implica colocar o sujeito em contato com suas lembranças e evocar as “recordações-referências”, organizando-as num texto narrativo que tem sentido para si e esteja implicado com o tema da formação em curso. A interioridade, as competências verbais e relacionais vão se revelando a partir da entrada que cada sujeito faz da sua trajetória de vida e pode, através da sua escrita, trazer marcas e lembranças da vivência escolar, socializando-a no espaço de formação ou investigação-ação. A escrita autobiográfica, revelada através das narrativas de formação, permite ao sujeito compreender, em medidas e formas diferentes, o processo formativo e os conhecimentos que estão implicados nas suas experiências ao longo da vida, porque o coloca em transações consigo próprio, com outros humanos e com o seu meio natural. Essas relações oferecem condições fundamentais para a escrita, para a ampliação do conhecimento de si e para outra compreensão da formação, seja inicial ou continuada, de professores e das leituras sobre as implicações das narrativas de formação, por mobilizar no sujeito uma meta-reflexão e exigir uma tomada de consciência em relação ao seu projeto de vida-formação.

ELIZEU CLEMENTINO DE SOUZA

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação**. Figuras do indivíduo-projeto. São Paulo : Paulus ; Natal : EDUFRN, 2008.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

PINEAU, G. Experiências de Aprendizagem e Histórias de vida. In: CARRÉ, Philippe e CASPAR, Pierre. **Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____ ; LE GRAND, J.L. **Les histoires de Vie**. Paris: PUF, 1993.

SOUZA, E.C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

SOUZA, E.C. Autobiografia docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM